ANO 9.º — Sexta-feira, 24 de Março de 1916 — NUMERO 414

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

—(•)—

Propriedade da Empresa

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

(AVENÇA)

ABAIXO A ALEMANHA!

Nesta hora em que todos os portuguêses se deram as mãos, que só se pronunciem palavras de confiança. Preparêmo-nos para tudo. Não nos iludâmos. O alemão, preverso e sacrilego, educado na escola dos corajosos afundadores do „Lusitania", do „glorioso" oficial assassino de „miss" Cawell, dos audaciosos aviadores que despejam culturas de doenças infecciosas sobre populações indefezas, o alemão, representante duma "kultur„ de troglodista; o alemão, retrogradado á ferocidade e á caverna do gorila; o alemão, que em toda a parte rouba, incendeia e assassina, deixou entre nós executores para os seus crimes.

ALEXANDRE BRAGA

A nossa beligerancia

—(•)—

Desde os tempos remotos de mais dum seculo, de Napoleão I, que Portugal não estava em guerra com qualquer nação. Desde as batalhas da guerra Peninsular que a espada dos guerreiros luzitanos só fulgira ao sol das lutas civis, ou das contendas coloniaes.

Estava destinado aos crueis dias do presente, que teem muitos pontos de semelhança com os do primeiro imperio francês, o sermos arrancados aos trabalhos pacificos da reconstituição nacional e lançados nos transes, mas tambem nas glorias, das grandes lutas armadas.

Guilherme II da Alemanha, semelhante não no genio, mas na ambição, ao despota carso, empreende hoje no mundo uma obra analoga á que este empreendeu. Como a de Napoleão falhou, tambem esta falhará, mas, como na de Napoleão tivémos que intervir, tambem agora a interferencia nos é imposta.

* * *

A Alemanha, que sempre nos cobiçou as colonias, que, sem declaração do estado de beligerancia, nos invadiu Angola e torpedeou dois navios mercantes, acaba de declarar-nos guerra, a pretexto dum acto perfeitamente pácifico, legitimo e legal do govêrno português—a requisição dos seus navios surtos em portos portuguêses.

Se as nossas fronteiras confinassem com as do imperio teutonico gravissimos perigos nos ameaçariam na hora presente. Certamente que nos estava reservada a sorte da Servia, do Montenegro, ou da Belgica e que em bréve seriam reeditadas em terras de Portugal as infames assolações de que aqueles países foram vitimas e que cobrirão de vergonha por todos os seculos futuros a raça germanica.

Livra-nos, porêm, a nossa situação geografica e a marcha que aos sucessos da guerra é dado prever, de semelhantes atrocidades.

Todavia, é muito provavel que a pirataría submarina alemã estenda a sua acção até ás nossas aguas, o que virá agravar, pelo aumento das dificuldades opostas ao trafico maritimo, as já deficeis condições de todos nós, em especial das classes pobres.

Para fazer frente aos embaraços, aos trabalhos e, até, ás angustias da presente situação, urge que se estreite a união nacional, que, felizmente, se está estabelecendo e que o espirito português, lembrando-nos de que somos os herdeiros de gloriosas tradições, se eleve, o que será indispensavel se, como é provavel, formos chamados a dar ás nações aliadas a nossa cooperação armada.

Sursum corda e confiança no futuro.

Films . . .

Honrando-se

O sr. dr. Afonso Costa, falando no acto de posse do novo govêrno:

«Tenho uma grande honra, sinto um grande prazer em entregar a presidencia do ministério ao grande patriota e grande homem de bem, que é o sr. dr. Antonio José de Almeida, possuidor de uma alma capaz de todos os grandes sacrificios e de levar-nos a todas as grandes vitórias. E' este tambem um dia de grande felicidade para mim, por ter reatado com o sr. dr. Antonio José de Almeida os laços de amizade que durante tanto anos nos ligou.»

Respondendo, o chefe do partido evolucionista exprime-se désta maneira:

«As nossas relações com essa grande nação (a Inglaterra) são admiraveis. Mas essa glória pertence ao ministério transato, presidido pelo eminente republicano e grande patriota que se chama Afonzo Costa. Este não é o pensar da ultima hora, nem suponha ninguem que eu quero ir com uma escudéla de mendicante pedir para mim uma parcela da glória que cabe a esse ministro. Não! Não tenho direito a éla. Contento-me, para satisfação da minha consciencia, em assegurar que, quando o meu partido esteve na oposição, prestou sempre ao ministério Afonso Costa o seu apoio leal e honrado, devido a uma nobre, leal e honrada politica.»

Arquivâmos com verdadeiro desvanecimento as palavras de justiça proferidas pelos dois eminentes republicanos ao darem-se novamente as mãos, facto que nenhum patriota deixa de aplaudir e que o país recebeu com intenso jubilo apenas soube déssa indispensavel aproximação.

Que éla perdure. Tão necessaria é á Republica e á Patria.

Tambem ele acha

O sr. patriarca de Lisboa, a quem um jornalista foi ouvir àcêrca das reclamações dos católicos em que tanto se falou por ocasião da subida ao poder do atual ministério, teve esta franquêsa, a todos os respeitos digna de arquivo:

O momento, creio bem, não é oportuno para reclamações, nem para pedidos de concessões, sequer...

Por onde se conclue que o sr. Brito Camacho está completamente só...

"O Cupido„

Com este titulo apareceu em Viana do Castélo um novo jornal.

Oxalá não faça das suas...

ANULAÇÃO DE PROCESSO

Lê-se no ultimo numero da *Gazeta de Arouca*:

«Acaba de ser anulado, no tribunal da Relação do Porto, o processo de imprensa que contra o nosso amigo Aureliano Ribeiro havia movido o ex-administrador de Paiva sr. Agnelo Regala.

Este facto, que por certo desagradou a algumas criaturas que mais uma vez desejariam vêr triunfar a negra injustiça, é para nós motivo de grande satisfação.

Ao nosso distinto colaborador foi feita, como era de esperar, inteira justiça. Fez-lha ha tempos o tribunal desta comarca e acentuou-lha, recentemente, o tribunal da Relação.

Os nossos pêsames, pois, á negra seita de Loiola que em nós saciou a primeira vingança, querendo saciar a segunda em Aureliano Ribeiro, e um efusivo abraço a este nosso bom amigo.»

Associâmo-nos ás palavras do colega arouquense, tanto mais que o *Democrata* esteve tambem ameaçado por publicar um artigo de Aureliano Ribeiro referente á mesma autoridade e por ela considerado ofensivo para a sua pessoa e prestigio.

Vê-se que ainda ha juizes em Arouca e... no Porto.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

O museu

Muito propositadamente deixámos para este numero uma reflexão que, para esclarecimento da verdade, se nos afigura obrigatoria, á parte do discurso do sr. dr. Egas Moniz proferido por ocasião da festa do dia 16 de Janeiro e em que S. Ex.ª atribue ao sr. Marques Gomes a iniciativa da creação do museu.

Não é assim. Esse cavalheiro tem contribuido, é certo, com a sua cultura artistica, para a organisação déssa grande obra, mas os seus verdadeiros iniciadores, os que lançaram as bases e se empenharam para a sua fundação, manda a justiça que se diga, foram o ex-governador civil deste distrito, sr. dr. Rodrigo Rodrigues e o secretário geral, sr. dr. Joaquim de Melo Freitas. O sr. Marques Gomes, repetimos, tem apenas sido o executor do plano traçado por aqueles nossos dois referidos amigos, o que não quer dizer que, como tal, deixe de merecer os elogios com que o sr. dr. Egas Moniz o distinguiu.

Conhecedores da historia do Museu de Aveiro, cometeriâmos uma gràve falta se depois de termos publicado a conferencia do ilustre filho deste distrito, a deixassemos correr eivada dum erro que, decérto, não sería cometido se o sr. dr. Egas Moniz tivésse conhecimento prévio do que fica dito ácêrca da louvavel ideia dos srs. drs. Rodrigo Rodrigues e Melo Freitas.

O nosso aniversario

—(•)—

Ainda nos distinguiram com os seus cumprimentos, alêm doutros, os seguintes colégas a quem é dever nosso agradecer-lhes as suas amabilidades:

De *A Patria*, de Ovar:

«O Democrata»

Acaba de completar mais um ano de existencia este intemerato colega aveirense. Combatente audaz no tempo da monarquia contra esta e os seus proselitos, combatendo continua agora a politica dominante da sua terra, que, diga-se de passagem, foi absorvida por aqueles que então eram os mais fortes inimigos dos republicanos.

Saudâmos por esse facto o colega, desejando-lhe as melhores prosperidades.

Da *Resistencia*, de Coimbra:

«O Democrata»

Entrou no 9.º ano da sua publicação este nosso bem redigido e intemerato colega de Aveiro, que ali representa a corrente mais radical do partido democratico.

Felicitâmo-lo sinceramente, desejando-lhe todas as prosperidades de que é digno.

Do *Jornal de Albergaria*:

«O Democrata»

Este nosso intemerato e bem redigido colega de Aveiro, de que é director o sr. Arnaldo Ribeiro, entrou no seu 9.º ano de publicação.

Os nossos cumprimentos.

Do *Jornal de Alemquer*:

Tambem o nosso distinto colega *O Democrata*, de Aveiro, completou nove anos de existencia com o numero 410.

Ao ilustre colega damos os parabens, fazendo votos para que continue durante muitos anos trilhando a brilhante senda que inteligentemente iniciou.

Serviço de administração

CONGO BELGA

Levâmos ao conhecimento dos nossos presados assinantes desta região que se acham na posse do sr. Julio Diniz, residente em Bôma, casa Vale & C.ª, todos os recibos do *Democrata* que obsequiosamente se encarrega de cobrar, e por isso esperamos que todos lhe enviem as importancias neles expressas assim que, pelo correio, recebam o competente aviso.

Desde já os nossos agradecimentos.

MANAUS

Tambem o nosso amigo sr. Antonio Dias Pereira possue já os recibos dos assinantes de Manaus (E. U. do Brazil) a quem pedimos o favor de lhos satisfazerem logo que sejam apresentados afim de lhe evitarem quanto possivel massadas e perda de tempo.

A pesca da ria

A questão da nossa ria, complexa e delicada, e da mais alta importancia, porque se trata de um riquissimo estuario de mais de 800 milhões de metros quadrados, unico no país, veio trazida de longos anos *a murros da politica*. E a verdade é que, se as coisas não mudam em 1910, *a murros da politica* continuaria a ser levada... *ad sæcula sæculorum*.

Agora, convençâmo-nos todos: os problemas de fomento teem de ser tratados em completa independencia das conveniencias particulares de um ou de outro, sejam elas de que ordem fôrem; teem de ser tratados com sciencia e consciencia, para bem da comunidade.

Nós ha muito vimos seguindo a atitude dos jornais de Aveiro e do norte do distrito sobre este assunto que tanto interessa a todos, e, francamente o dizemos, esperavamos sempre de um numero para outro dêsses jornais, que aparecesse emfim a exposição clara dos factos, em confronto das disposições regulamentares que impendem sobre a industria, e, seguidamente, a apresentação de um pedido de tolerancia, concreto e conciso, formulado em relação áquelas disposições, isto como medida de ocasião, ou então a apresentação de uma critica rasgada ao relatorio do diploma em vigor, critica de incontestavel caracter scientifico, fundada em principios e em experiencias, que nos levasse á convicção de ser necessario e util derogar ou alterar o que está estabelecido.

Esperámos em vão.

Hoje, como ontem, como na vespera, o que se atira á publicidade são diatribes bem verrinosas, em que a maledicencia salta por vezes flagrante—e isto nos penalisa, porque a missão da imprensa não póde ser nunca esta que se está vendo de excitar as massas á confusão e á dissolvencia, mórmente na hora actual e num caso que só requer meditação e estudo, fazendo-lhes demais a mais crêr num apoio que de modo nenhum é verdadeiro.

Não o é, não. Os nossos problemas economicos não continuam a ser tratados a murros, venham os murros de onde vierem. O sistema é de ordem, de legalidade, de trabalho. Nesta trilogia temos de ir todos.

* * *

Nós, cujas responsabilidades no assunto não alheamos, porque, com destaque nos fizemos éco das reclamações populares que originaram a passagem dos regulamentos antigos para o actual—não esquecendo hoje o que escrevemos ontem, como provadamente sucede aos que agora enfileiram na rotina

das devastações da ria, quando primeiro levantaram o alarme e desfraldaram a bandeira da revolta contra elas—nós temos tambem de vir a campo e aqui estâmos.

A Republica, ainda com o seu Governo Provisorio, foi solicitada a saber e a reformar o que se passava na ria—que era simplesmente escandaloso. A politica de campanario, talhando fatias a êsmo e a grosso, tinha posto isto a saque.

Estudou-se e reformou-se. E não se promulgou apenas a nova lei: fez-se publicar egualmente as razões e motivos que a justificavam.

Esse relatorio, com cuja publicação o Estado dispendeu mais de 600$00, foi profusamente distribuido entre nós, ha muitos mezes, especialmente nas escolas e na imprensa.

Parece-nos, pois, que a toda a gente sensata e culta assiste o direito de exígir á imprensa da sua terra que respeite a lei, que é uma lei do país, e faça incidir a sua critica ou os seus comentarios sobre o relatorio—o qual, para mais, é um livro de sciencia, elaborado, como se sabe, já com o proposito de ficar ao alcance de todos, até mesmo do proprio pescador que saiba lêr e saiba alguma coisa da arte.

O que de maneira nenhuma podemos deixar de condenar com todas as veras da nossa alma, é que se faça precisamente o contrario: nem sequer abrir as folhas do livro e vir para publico atacar a legalidade, provocar a desordem, desnortear o trabalho.

Na nossa ria **a pesca é livre todo o ano.**

Todos os aparelhos usam hoje a malha que usavam dantes.

Ha apenas dois aparelhos, ambos do mesmo tipo, chamados de *arrastar*, que, por muito nocivos ás creações, teem o defezo de 3 mezes e 24 dias na roda do ano, e a obrigação de não fecharem a malha, como fechavam, a 2 milimetros, tornando-se em pano cerrado, mas até 12 milimetros, sómente para darem saída ao peixe pequeno, incapaz do consumo.

Os aparelhos de pesca da ria, em laboração todo o ano e com a malhagem que sempre tiveram, são: *galrixo*, *salto*, *solheira*, *branqueira*, *camaroeira*, *berbigoeira*, *linha*, *espinhel*, *sertela* e *bolsa*.

E, em contraposição, os atingidos pelo defeso, são só a *mugeira* e o *chinchorro*, pois que *garatêas* ha só uma ou duas redes.

Alem disto, estabeleceu-se tambem uma tabela de dimensões minimas dos peixes e moluscos para o consumo. Eis todas as restrições impostas pelo regulamento em vigor.

Banidas da ria foram apenas as redes fixas, pelo motivo essencial de serem contràrias aos principios fundamentais de direito que regem o dominio publico, as redes de arrastar que especialmente se dedicavam á apanha das creações, e as *fisgas* contra as quais todos os pescadores clamaram, sobre tudo quando empregadas ao candeio.

E' o que diz o relatorio.

Mas o que é certo é que tanto os *botirões* como as *chinchas* já estavam abolidas no país pelo regulamento de 1893, que dizia:

«Art. 53.º—São proíbidas para a pesca todas as redes de arrastar pelo fundo.

Art. 54.º—São proíbidos para a pesca, os grandes aparelhos fixos de fundo, conhecidos por *botirões* ou *armadilhas de tapa-esteiros*».

Donde se conclue que o regulamento da ria foi benevolo e generoso ao admitir ainda alguns aparelhos de arrasto, sob condições de dimensão, de malhagem e de época do ano, está bem de vêr.

E é manifesto que as redes banidas o não foram de um dia para outro, mas se lhes deu um largo praso de tres anos, para os seus possuidores, com vagar e previdencia, fazerem a evolução da sua arte, preparando outros aparelhos, ou dentro da relação dos permitidos, ou mesmo novos na região, porque o regulamento prevê egualmente este caso dos pescadores quererem pôr em pratica artes do seu invento.

A escassez de hoje, na cidade de Aveiro, diga-se, porque na Murtosa já assim não é, provêm da imprevidencia dos que exerciam a pesca e não da letra da lei, como sômos forçados a concluir depois de cuidadosa leitura de ambos os documentos oficiais—o regulamento e o relatorio.

Entendemos por ultimo que as repartições maritimas, como quaesquer outras do Estado, de simples caracter administrativo, só teem que cumprir as leis e regulamentos, e que é aos poderes superiores que se devem dirigir petições no sentido de modificar ou sustar de momento as determinações legais, a titulo de tolerancia em atenção a causas a que as mesmas repartições são completamente estranhas, por estarem fóra da sua com.petencia

DE PASSAGEM

A Razão limitou ontem os seus agradecimentos á justiça que lhe fizémos não a supondo susceptivel de confundír-se com *A Luz da Razão*, e não *Voz da Razão*, como por novo erro saíu, de cretina memoria.

As nossas saudações, juntas com os sincéros votos pelas prosperidades e longa vida do coléga, não lhe valeram, sequer, uma simples e ligeira referencia.

Já é!

Não creia, porêm, a *Razão* que registâmos o... lapso por magoados. Fazemo-lo, sim, porque necessario se torna ir anotando todas as *gentilezas* dos novos paladinos da democracia indigena.

O preto no branco, em todos os tempos, falou como gente—diz o rifão.

Na parte referente a processos de orientação, escreve o coléga que não uzará aqueles que muitos outros têm seguido.

Não nos acusa a consciencia, nem denuncía a memoria que tenhâmos seguido qualquer que nos possa afrontar ou deprimir perante a sociedade ou perante os homens que julgam que pertencer a um partido politico implica o papel de serventuario dos que nele tripudiam só porque se dizem correligionarios, ainda que a lei, a justiça e a propria dignidade sejam ultrajadas.

Mas nós muito temos que vêr. O' se temos...

VANDALISMO

Uma das muitas proezas em que são emeritos os criminosos que fazem parte da caterva que aplaude o padre Pato, em Aradas, é o corte das arvores.

No Bonsucesso, que é o lugar daquéla freguezia onde reside o padre, existe um grande baldio, aliás perigoso para a saude publica, segundo nos informam, porque é um pantano, e que a Junta, em obediencia á lei, começou a arborizar. Ha pouco mais de um mez, por proposta dos dois vogaes da Junta residentes no mesmo lugar, fez-se ali uma grande plantação de choupos. Pois, senhores: mão criminosa tem feito nas arvores uma verdadeira devastação, quebrando-as, torcendo-as, cortando-as, roubando lhes as proprias estacas!

Já passam de 50 as arvores destruidas em duas ou tres noites.

E' mais uma infame vingança, um indecente vandalismo feito só para ferir a Junta de Paroquia por esta não ser da confiança do padre Pato.

Pedem-nos que convidemos as pessoas imparciaes e honestas a irem vêr a obra dos taes amigos do Pato do lugar do Bonsucesso. Deve ser linda e digna do criminoso ou criminosos que a tem executado.

Na freguezia apontam-se a dedo os autores da façanha sobre a qual temos mais que dizer e para a qual chamâmos desde já a atenção das autoridades.

As teorias do sr. Alfredo Pimenta

O sr. Alfredo Pimenta, luminar conspicuo do evolucionismo, ha pouco convertido aos ideaes monarquicos, publicou, como já dissémos, um livro intitulado *Solução Monarquica*, especie de justificação da sua apostasia politica.

Este livro é um exemplo tipico das... extravagancias—chamemos-lhe, cortezmente, assim...—a que a pretenção audaciosa de versar altos problemas sociaes, sem os mais banaes rudimentos da preparação scientifica indispensavel, póde levar um espirito, aliás esclarecido.

O sr. Pimenta, descrente de republicanos e de republicas, desiludido *dos erros liberalistas*, *das ilusões democraticas e das superstições jacobinas*, vê a salvação de Portugal no regimen monarquico. Mas não no regimen monarquico como ele se usa, presentemente, em todos os povos civilisados, desde o territorio da nossa irmã iberica até ás plagas niponicas do Extremo Oriente.

Nada disso. O sr. Pimenta, desde a sua conversão aos ideaes monarquicos, detesta os regimens parlamentares. Eleições, deputados, côrtes, todo este aparato dos govêrnos representativos, quizilam-no, pelo seu excessivo liberalismo, democracia e jacobinismo, singularmente. Por isso, o notavel reformador, depois de demorado e profundo matutar, descobriu uma (na sua opinião) *nova* especie de monarquia, com a qual se propõe fazer a felicidade da Patria.

E' esse novo sistêma monarquico um interessante regimen, no qual o rei *reinará e governará*, *mandará e se fará obedecer*, cercado pela *élite*, constituida pelos melhores, os mais habeis, e apoiado pelo exercito.

O rei, a *élite* e a tropa, uma vez investidos do mando supremo, embarcarão na nau do Estado e, com mão firme e vista clara, conduzi-la-ão, sem perigos, ou contratempos, a porto de salvamento.

Será tudo isto assim, será tudo como o sr. Pimenta pretende; mas o que o sr. Pimenta parece ignorar é que a sua pretensa solução *nova* é velha e revelha.

Pois que demonio eram as monarquias dos tempos do absolutismo monarquico europeu senão sistêmas governativos com um rei e uma *élite*, constituida pelas havidas por melhores, dirigindo discrecionariamente um povo? Que outra fórma de govêrno vê o sr. Pimenta nas monarquias desse tempo e, até, nos anteriores, como, por exemplo, no imperio bisantino, no reino dos francos e mesmo nas monarquias do mundo antigo? Que era, no fim de contas, a propria *diarquia* dos bons tempos do imperio romano? Um rei governando com o concurso dos melhores, agrupados sob o nome de senado. Nem mais, nem menos. E a propria republica romana, se abstraírmos do rei, tambem era um govêrno muito parecido com o das concepções do sr. Pimenta e tanto que o senado e os que o apoiavam formavam o partido dos *optimates*, em luta, até á quéda da republica, com as aspirações democraticas da plebe.

Ou cuidará o sr. Pimenta que, nessas antigas formas de governo, o soberano, em vez de se cercar dos mais esclarecidos, dos melhores, da *élite*, faria especial empenho em se rodear, sómente, de cavalgaduras?

Todavia, a evolução da humanidade sepultou, cremos que para sempre, nos arquivos da historia, essas velhas soluções do problema do governo dos povos.

Bem ou mal inspirado—bem, segundo a opinião de quasi toda a humanidade civilisada; mal, segundo o parecer do sr. Pimenta e de uns tantos defensores de retrogrados ideiais—substitue-as pelos regimens parlamentares representativos, presididos por um rei hereditario, ou por um presidente eleito.

Essa substituição foi devida, não sómente ao mero desejo de variar, mas, sobretudo, ao descontentamento, á revolta produzidas pelos pessimos resultados praticos—que o sr. Pimenta parece ignorar—que essas antigas formulas governativas estavam dando.

E' verdade que, com a mudança, não se conseguiu, como alguns dos seus idealistas propugnadores esperavam, fazer voltar o homem aos felizes tempos laudatorios da *edade d'oiro* do genero humano. As lutas dos interesses e das paixões, a ignorancia, a intolerancia, o egoismo, a estupidez, a maldade e a injuria, continuaram a flagelar o mundo.

Todavia, mais algumas parcelas de direito e de justiça baixaram á terra e são tão poucas, pelo geral, as saudades que o *absolutismo ilustrado* nos deixou que poucos a ele querem voltar.

Um dêsses é, porém, o sr. Pimenta que, uma vez entrado no caminho da regressão mental, já suspira por monarquias absolutas, apoiadas em pretensas *élites* e em exercitos de janizaros!

Que doloroso espectaculo!

Defesa nacional

Pelo ministerio da guerra foram ultimamente promulgados os seguintes decretos:

Atendendo ao que me representou o Ministro da Guerra, e usando da autorização concedida pelas leis n.º 378 de 2 de Setembro de 1915, e n.º 491, de 12 de Março de 1916: hei por bem, ouvido o Conselho de Ministros, decretar o seguinte:

Artigo unico. E' autorizado o Ministro da Guerra a convocar, total ou parcialmente, para preparação militar, as classes de licenciados que julgar conveniente.

Os Ministros de todas as Repartições assim o tenham entendido e façam executar. Paços do Governo da Republica, 20 de Março de 1916.

—

Atendendo ao que me representou o Ministro da Guerra, e usando da autorização concedida pelas leis n.º 373, de 2 de Setembro de 1915, e n.º 491, de 12 de Março de 1916: hei por bem, ouvido o Conselho de Ministros, decretar o seguinte:

Artigo unico. Enquanto durar o estado de guerra ficam suspensas as disposições legais em vigor que mandam passar á situação de reforma os oficiais que atinjam a idade de setenta ou setenta e cinco anos.

Os Ministros de todas as Repartições assim o tenham entendido e façam executar. Paços do Goveruo da Republica, 20 de Março de 1916.

—

Atendendo ao que me representou o Ministro da Guerra, e usando da autorização concedida pelas leis n.º 373, de 2 de Setembro de 1915, e n.º 491, de 12 de Março de 1916: hei por bem, ouvido o Conselho de Ministros, decretar o seguinte:

Artigo 1.º Serão mandados submeter pelo Ministro da Guerra ao exame de juntas de saude de revisão todos os cidadãos com menos de quarenta e cinco anos de idade, que tenham sido isentos do serviço militar por incapacidade fisica, e todos os militares que pelo mesmo motivo tenham passado ou venham a passar á situação de reserva ou de reforma.

§ 1.º Os cidadãos a que se refere este artigo poderão ser submetidos a tres juntas de revisão sucessivas.

§ 2.º As juntas de saude de revisão serão da nomeação do Ministro da Guerra e constituidas por um oficial de qualquer arma ao serviço e por dois medicos, sendo um, pelo menos, militar, e funcionarão nas localidades que pelo mesmo Ministro forem designadas.

Artigo 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Os Ministros de todas as Repartições assim o tenham entendido e façam executar. Paços do Governo da Republica, 20 de Março de 1916.

Para se compreender melhor a significação destes decretos, os seguintes esclarecimentos:

Segundo a organisação do exercito decretada depois da implantação da Republica, devide-se em tres classes: a primeira, que é o activo, abrange os homens dos 20 aos 30 anos; a segunda é constituida pela reserva, á qual pertencem os homens dos 30 aos 40 anos e da terceira fazem parte os territoriaes, cuja edade vai dos 40 aos 45 anos.

Os homens do activo são os que formam o contingente anual e aquelos que, além da recruta, frequentam as escolas de repetição periodicas que devem efectuar-se durante o periodo de tempo que vai dos 20 aos 30 anos.

Os licenceados de tropas activas formam já quatro classes: as de 1912, 1913, 1914 e 1915.

Os mancebos chamados em 1916 são os que se encontram ao serviço.

Como cada uma das classes de licenceados abrange cêrca de 30, aos homens, desde que se decrete a mobilisação de 100:000 ou mesmo 150:000, esta não iria provavelmente alén do contingente atual e das quatro classes de licenceados a que nos referimos.

Na reserva devem estar 100:000 homens; mas convem observar que não é facil dum momento para o outro fixar o numero de reservistas anteriores a 1912.

Com as providencias agora decretadas, e entre as quais avulta a de reinspecções dos isentos, facilita-se o inventario de todos os homens validos, que até á edade de 45 anos pódem prestar quaisquer serviços no exercito.

NAUFRAGIO?

Começa a inquietar a falta de noticias da escuna *John*, a qual, tendo saído no dia 6 de Janeiro, da Ilha do Fogo, Terra Nova, em direcção a Gibraltar, cujo trajecto costumava a fazer num mez, ainda até hoje não chegou ao porto do destino, ignorando-se o seu paradeiro.

A *John* é comandada pelo nosso conterraneo Emilio Simões Peixinho, genro do sr. Antonio de Lemos, proprietario da barbearía da Praça Luiz Cipriano, que, como é natural, se acha profundamente desgostoso ante o desastre que prevê tenha sucedido á embarcação.

Propaganda patriotica

Constituiu-se nésta cidade uma comissão para levar a cabo em todo o distrito sessões de propaganda com o intuito de levantar o espirito patriotico do povo no momento gravissimo que a Patria atravessa, incutindo lhe a serenidade e resolução que é mister manter perante os factos consumados.

A essa comissão preside o digno coronel de infanteria, sr. José Cristiano Braziel, que tem desenvolvido uma rara actividade no sentido de tornar quanto possivel proficua a ideia que desde já abraçâmos incondicionalmente.

NOVO LIVRO

Recebemos o XXI volume da *Biblioteca de Educação Moderna* intitulado **Curiosidades Astronómicas**, por Camilo Flammarion, o qual, assim como as outras obras editadas pela *Livraria Internacional*, de Lisboa, custa apenas 20 centávos, franco de porte.

A compilação, simplificação e versões são de Moraes Rosa, o que equivale a dizer que o livro a que nos reportâmos merece ser adquirido por todos os amantes da boa leitura.

União sagrada

—(*)—

A situação anormal em que inesperadamente entrou o país com a injustificada declaração de guerra com que a Alemanha nos brindou, produziu, como natural e logica consequencia, a aproximação de todos quantos, como bons portuguêses, sentem no peito pulsar o coração.

A este sentimento não foram estranhos nem isentos aqueles que pela sua categoría e responsabilidades, mais do que ninguem, deveriam ser os primeiros a sacrificar no altar da patria todos os resentimentos, todas as queixas, para que desse sacrificio resultasse mais força, mais grandeza, mais coesão na monumental tarefa em que todos teem o dever sagrado de cooperar.

O exemplo alevantado e grande desses dois homens, chefes dos dois grandes partidos politicos nacionais, unicos com direito á sua existencia pela representação parlamentar que atualmente contam e ainda pelas intelectualidades que abrangem; esses dois chefes—o dr. Afonso Costa e o dr. Antonio José de Almeida—apagando com um gesto imorredoiro resentimentos mutuos que, todavia, não atingiram mais do que a acção politica de cada um deles, ouvindo palavras cheias de verdade e ungidas de patriotismo pronunciadas pelo velho e honrado chefe da Nação, confundiram-se num abraço de verdadeiros patriotas, de bons e generosos portuguêses, que num esforço mutuo se dispõem a servir a sua Patria, aureolada pelo Ideal por que tanto sofreram e por que tanto trabalharam!

Tiveram palavras de nobreza, de sentimento e de insofismavel verdade, pronunciadas entre uma tempestade de aplausos, no seio da representação nacional, como se de facto a essa scena de intenso e iniludivel patriotismo assistisse a nação inteira.

O grande alcance e o indiscutivel resultado de tal aproximação hade beneficamente reflectir-se não só durante as horas de amargura que teremos de experimentar, mas ainda na depuração que no campo politico se tem de fazer para expurgar do logar que ocupam aqueles que pelas divergencias dos outros e pelo cinismo de que dispõem, tem conseguido atingir situações a que por titulo algum se acham com direito.

O abraço que aproximou esses dois grandes patriotas estrangulou, sem duvida, os energumenos que nem defrontados com a propria Patria em perigo desistiram das pequeninas e irritantes questiunculas de campanario, recusando-se a cooperar duma fórma decidida e abertamente patriotica, na constituição dum gabinete nacional, integral representante da união sagrada de todos os portuguêses!

O nssso colega o *Distrito de Aveiro*, referindo a elevada demonstração de patriotismo do seu chefe nesta dolorosa e grave conjuntura, acorda as injustiças de que o sr. dr. Antonio José de Almeida fôra tantas vezes vitima e as palavras de imerecida ingratidão, dirigidas a êsmo, a proposito de toda a sua acção politica e dirigente.

Ainda que não azado o momento para tratar o assunto, sempre diremos ao *Distrito* que em bôa verdade não nos serve a carapuça, que o colega, com razão, talhou.

Em dois actos apenas não concordamos com a orientação do ilustre chefe evolucionista. Um, mais oportunamente, não teremos duvida em dize-lo. De resto, como poderemos provar, reproduzindo quanto então aqui escrevemos, sempre tivémos palavras de acrisolada admiração e respeito pela pessoa de um dos mais devotados apostolos da propaganda, pelo caracter duma das mais lidimas figuras da Republica—o dr. Antonio José de Almeida.

Notas mundanas

Consorciou se com a sr.ª D. Maria do Ceo Monteiro o nosso bom amigo e abalisado clinico de Fermentélos, sr. dr. Antonio Roque Ferreira, a quem felicitâmos, desejando a felicidade do novo lar.

Recebemos esta semana a visita dos dedicados amigos deste jornal srs. Manuel Antonio da Silva, do Carregal e Manuel Simões Capão Junior, de Azurbeira. Com este ultimo veio o sr. Manuel Caiado, da Palhaça, que muito estimâmos conhecer.

Vem a caminho do continente o medico aveirense, dr. José Soares, que partiu para Angola com uma das expedições em 1915.

Já se encontra na sua casa de Cacia o sr. dr. Francisco Soares, cujo restabelecimento nos compraz registar.

A "soirée,, do Recreio

Muito animada, a noite de sabado para domingo em que o *Recreio Artistico* proporcionou aos socios e suas familias, por motivo do seu 20.º aniversario, um magnifico baile no qual tomaram parte, como é costume, muitas das nossas mais gentis tricaninhas com as suas garridas *toilettes* de gala.

O teatro achava-se caprichosamente ornamentado, tendo sido presenteado com um lindo objecto de arte, oferta do socio sr. José Cardoso, o par que melhor dançou, segundo a classificação do juri, uma valsa escolhida para esse certamen.

Todos os camarotes, frizas e galerias estavam repletos, imprimindo á sala um aspecto como raras vezes se vê.

PELA IMPRENSA

"Atlantida,,

Com colaboração de distintos poetas e prosadores, como Guerra Junqueiro, Matos Cid, Celso Vieira, Olavo Bilac, Augusto Casimiro, Garcia Redondo, Campos Pereira, Jonatas Serrano, Severiano de Rezende, João de Deus Ramos, Leonardo Coimbra, Antero de Figueiredo, Rodrigues Barbosa, Roberto Gomes, etc., etc., acaba de ser posto á venda o n.º 5 do novo mensario artistico, literario e social para Portugal e Brazil, de que são directores João de Barros e João do Rio, dois previlegiados talentos que muito teem engrandecido as letras com as suas produções.

Agradecemos o exemplar recebido.

"A Aguia,,

Egualmente nos visitou o n.º 51 desta revista portuense, propriedade e orgão da Renascença Portuguêsa, que se compõe do seguinte sumário:

LITERATURA — S. Frei Gil (A Historia e a Lenda)—*Jaime Cortesão*. Il me semble parfois...—Versos de *Philéas Lebesgue*. Á Beira num relampago, VIII)—*Teixeira de Pascoaes*. Ronda de Mortos—Quadras de *João Saraiva*. Balada—Versos de *Ronald de Carvalho*. Portugal e a Guerra—*M. Leblond*. Nulli, Sonetos de *Luis Cardim*. Em volta da palavra Gonzo, (conclusão)—*José Teixeira Rego*. ARTE — A exposição Sousa Pinto—*Augusto Casimiro*. Estudos (2 ilustr.)—*Sousa Pinto*. Idilio Campestre. (Ilustr.)—*Pedro Duarte Costa*. SCIENCIA, FILOSOFIA E CRITICA SOCIAL. Colonisação, Climas e linguas, VI)—*Afonso Cordeiro*. BIBLIOGRAFIA—*Lia de Santa Clara*.

"Alvorada,,

Suspendeu a sua publicação este excelente semanário republicano que, sob a direção do sr. A. L. de Carvalho, saía em Guimarães.

A *Alvorada*, enquanto viveu, só propagandeou e fez na imprensa o bom combate da Republica e daquele partido politico que considéra o melhor—o Partido Republicano Português. Defendeu com acerrimo entusiasmo, com apaixonado ardor, todas as questões de vital interesse para as classes operarias, isto sem querer saber se elas davam ou não contingente ás fileiras do seu partido. Apostolisou a tolerancia religiosa; defendeu os simples de coração; respeitou os humildes de entendimento; amou os justos. Azorragou os modernos vendilhões do templo; os escribas da lei de Deus; os farizeus da Fé. Varreu o cisco das superstições grosseiras; amesquinhou os convencionalismos banais da sociedade; riu dos nulos; pontapeou os cobardes; acicatou os peralvilhos; redicularisou os sécias. Pôz a calva á mostra dos delapidadores dos bancos; das irmandades; das associações; das sociedades do *olho vivo*. E contudo morreu. Com todos estes predicados a *Alvorada* desapareceu, porque *republicanos* houve que não podiam vêr a linha recta da sua direcção, sempre coerente com os bons principios que á Republica todos nós devemos para honra e salvaguarda dessa bella instituição.

Pela nossa parte lastimâmos deveras o desaparecimento da *Alvorada*, significando ao sr. A. L. de Carvalho a nossa grande admiração em presença da obra que o seu jornal marca na imprensa provinciana.

Por falta de espaço ficam-nos por publicar alguns originaes do que pedimos desculpa aos seus autores.

UMA "INTERWIEW,,

«Quem não defender o seu país só tem um caminho: emigrar,,

A Opinião, diário republicano independente de Lisboa, publicou ha dias uma entrevista que um dos seus redactores teve com o ilustre jurisconsulto sr. dr. João Pinto dos Santos, um dos implicados na tentativa revolucionaria de 1908, conhecida pelo 28 de Janeiro, figura de raro prestigio na sociedade portuguêsa contemporanea, completamente isolado da politica, e que, sendo-lhe perguntado qual a sua opinião sobre os acontecimentos, não teve duvida em entabular com o nosso colega o seguinte dialogo:

Que nos diz v. ex.ª da situação de Portugal...

—Que ela é de molde, responde o nosso distinto entrevistado, a produzir com rapidez, a união sagrada, a harmonia completa entre todos os portuguêses.

—Nesse caso, acha v. ex.ª que não são justas as condições impostas pelo partido unionista?

—Não é bem assim... O que se não póde admitir é qualquer imposição feita abertamente. O sr. dr. Brito Camacho disse no seu artigo coisas muito acertadas, mas... devia tê-las feito saber secretamente áqueles com quem tinha de entabolar negociações.

—E a atitude do sr. dr. Antonio José de Almeida...

—E' das mais dignas; merecedora, mesmo, da admiração de todos os portuguêses. O chefe evolucionista têve a perfeita noção dêsse fenomeno de simbiose que existe na fisiologia: ante o inimigo comum da sua patria e inimigo, apenas politico, não hesitou em dar as costas a este para se livrar daquele, certamente dum perniciosó sem comparação.

Que odio maior poderá haver que o que dividiu a Inglaterra e a França? Contudo, apareceu o inimigo potentado, e assistimos á perfeita comunhão não só das chancelarias das duas grandes nações, mas, até, dos respectivos povos. O gesto do sr. dr. Antonio José de Almeida é tanto mais nobre e patriotico quanto é cérto que as dificuldades do momento são tais que farão qualquer govêrno ter de sustentar uma luta encarniçada, com a máxima prudencia e inteligencia, e portanto não seduzindo ninguem o poder, e antes, amedrontando. Procedeu como eu acho que a honra, dada é claro a situação presente, manda que todos nós, portuguêses, procedâmos: com abnegação, só olhando para os perigos que possam affigir a Pátria. Apezar de velho estou pronto a pegar numa arma... As pessoas que guardam odios politicos, em conjecturas dificeis, são inferiores, certamente. Demais o momento é de molde a que se tome a seguinte decisão: quem não quizér defender a sua Pátria em perigo, émigre, e não querendo emigrar voluntariamente seja obrigado a fazê-lo.

—Póde v. ex.ª dizer-nos o que acha do ministério...

—Desejei vêr realizado o ministério nacional, como êle devia ser, com a representação de todas as correntes de opinião do país, mesmo não tendo organização partidária, que para o caso não era necessario. Por exemplo: os monárquicos escolheriam o seu representante, o mesmo fazendo os católicos, etc.

—E deveriam êles entrar sem condições?

—Compreende que leis só pódem ser anuladas por outras leis, e, por tanto só o parlamento é que poderia satisfazer essas condições, o que era impossivel, visto o tempo que seria necessario gastar para a realização dêsse trabalho, e a crise necessitar de solução rápida.

O necessario era que os republicanos e os monarquicos tivéssem, de facto, desejo de união.

Os primeiros garantiriam, já se vê, que durante este periodo anormal, todas as medidas governamentaes seriam de molde a poderem ser assinadas pelos monarquicos. E, os segundos deveriam colaborar nesse govêrno por patriotismo, e, portanto, sem exigencias que podéssem ser tomadas como uma vontade.

—E a opinião do sr. dr. ácêrca da guerra é...

—O nosso ilustre entrevistado, olhando para nós, com um leve sorriso de confiança, responde-nos:

—Não tenho duvida alguma sobre o resultado da guerra. A Alemanha não poderá vencer.

—E Verdun?

—Mais uma prova do que lhe digo. Os alemães pensaram tomar a praça de Verdun em 8 dias. Falhou-lhes o primeiro plano, e com ele, falhou-lhes a tomada da praça.

—Qual o parecer de v. ex.ª sobre a participação de Portugal?

—Devemos colaborar com a Inglaterra. No caso de sermos chamados a qualquer teatro de operações, devemos lembrar-nos que, por exemplo, se a Alemanha nos tomasse a linha francêsa poderia vir até nós... e, portanto, nada de virmos com a desculpa de máus pagadores, dizendo termos de fender o país.

O SAL

Vários jornais, ocupando-se do sal da ultima produção das nossas marinhas, dizem que devido a ele se tem estrado grande quantidade de carne, causando gráves prejuizos a muitas pessoas e dispondo os consumidores a não se fornecerem do que é fabricado na região de Aveiro.

O assunto é melindroso de mais para ser discutido de animo leve e por isso alvitrâmos que o melhor é estuda-lo com a maior imparcialidade e rigor scientifico para que desapareça a atoarda, de gravissimos resultados, que se não pódem medir com a facilidade com que á primeira vista se apresenta.

E' do conhecimento publico as dificuldades, as peripecias e os descontentes que criou a constituição da companhia que assambarcou quasi toda a produção de sal desta região.

Interessada, pois, no desmentido completo e formal de tudo quanto a este respeito se tem dito e escrito, é, sem duvida, a ela, que até agora, que nos conste, ainda não deu um passo tendente a restabelecer a rigorosa verdade dos factos, que compete mandar proceder a uma analise quimica e dizer depois da sua justiça.

A ela ou aos que mais directamente interessa o assunto, como sejam os proprios donos das marinhas.

Declaração ministerial

Fala na sessão parlamentar do dia 16, o sr. dr. Antonio José de Almeida:

Sr. Presidente—Tendo aceitado a incumbencia que o sr. presidente da Republica se dignou confiar-me de constituir o govêrno nacional, em conformidade com o voto unanime do Congresso, tenho a honra de apresentar á camara e ao senado o novo ministério, em que se acham representados dois partidos da Republica: o Partido Republicano Português e o Partido Republicano Evolucionista, e ao qual assegurou todo o seu apoio o Partido Republicano Unionista.

Nêle se integrarão tambem outras personalidades, cuja colaboração diretiva a extrema gravidade da hora presente aconselha, se o Congresso aprovar a proposta de lei, que lhe será submetida, para a creação de lugares de ministros sem pasta.

A missão que nos cumpre desempenhar está prèviamente traçada pelos acontecimentos: concentrar todas as nossas energias na defêsa da Patria, praticando para isso os maiores sacrificios, solidarios sempre com a nossa fiel e poderosa aliada, a Inglaterra, com a qual contamos como ela conta comnosco.

Pelas declarações feitas pelo anterior govêrno sabe o Congresso que nos encontramos em estado de guerra com a Alemanha; e eu devo comunicar-lhe que, desde ontem, estão interrompidas as relações diplomaticas com a Austria-Hungria, conforme notificação oficial do seu representante sem alegação de motivos.

Uma condição suprema se impõe consequentemente ao nosso patriotismo: reunir todos os portuguêses em prol da causa sagrada da independencia e integridade nacional, dando treguas a quaisquer lutas e dissenções internas que nos enfraqueceriam perante o inimigo comum e envidando mais do que nunca, fervorosamente, todos os esforços para que esta Patria seja, no momento mais grave da sua historia, digna de si mesma.

Mas o govêrno bem sabe que para se fazer duma maneira efectiva e proveitosa a união entre os portuguêses, é indispensavel, além da boa vontade que acredita existir em todos os espiritos, tomar medidas e realisar intentos que favoreçam e retemperem a conciliação de toda a familia portugueza, em homenagem, em culto ao sagrado principio da nacionalidade.

Assim, como medida indispensavel e urgente, far-se-ha, desde já, o desdobramento do ministério do fomento para a creação do ministério do trabalho e previdencia social, para mais proficuamente se poder acudir ás necessidades das classes trabalhadoras, que tanto merecem as atenções e disvelos da Republica, creando-se ainda logares de sub-secretários de Estado para terem mais facil e rapida solução os negocios que correm por alguns ministérios.

De resto, se a hora é para afirmar intenções duma maneira iniludivel, não se presta a explanar programas que dependam tanto, se não mais, do curso dos acontecimentos como da vontade dos homens.

Programa, a querer sintetisa-lo, ele caberia em quatro palavras: pôr a justiça ao serviço da paz, manter a liberdade ao serviço da ordem.

E' preciso para isso fazer sacrificios? Sem duvida. Mas o govêrno é o primeiro a arrostar com eles, tomando esta posição de suprema responsabilidade.

No ministério que tenho a honra de apresentar ao Congresso estão homens que provêm de diferentes escolas politicas, embora dentro do mesmo ideal. Alguns de entre eles ainda ha dias sentiam o sangue alvoroçado pela recordação das pugnas em que se envolveram. Todavia não trepidaram em se unir, estendendo-se as mãos, mais do que isso, associando-se na acção. Esqueceram-se mutuamente os agravos, voluntariamente expulsaram da alma a sombra de todos os ressentimentos. E porquê? Porque se uniram esses homens estendendo-se fraternalmente a mão? Porque do cimo das nossas cabeças, como uma ameaça terrivel, silvaram estas palavras, que, saídas do nosso espirito inquieto, pódem traduzir uma realidade tremenda: A PATRIA ESTÁ EM PERIGO.

Pois para que éla não corra perigo, unamo-nos todos para a defender.

Pois que nos respeita, é êsse o compromisso que tomamos, empregarmos todos os meios para que se consiga á forma ultima e superior da *União Sagrada*.

Seremos tolerantes dentro das leis, aproveitando daquelas que respeitam aos problemas da consciencia ou possam implicar com os principios da tolerancia toda a elasticidade de que forem susceptiveis nas suas disposições para que os espiritos se acalmem e congracem. Sem duvida que isso depende tambem, e muito, da atitude daquêlas que até hoje tem movido hostilidades á Republica, quando dentro dila todas as reivindicações legitimas pódem ser plenamente satisfeitas pela livre discussão.

Mas por nossa parte damos, desde já, o exemplo de tolerancia fazendo estas nossas leaes declarações.

Em resumo: o govêrno, a que presido por honrosa incumbencia dêsse eminente português e grande republicano que ocupa a suprema magistratura do país, terá como intento maximo solidarisar toda a familia portuguêsa, neste momento culminante da sua grande Historia. Procurará ligar os homens entre si e tambem vincula-los á tradição do passado, estabelecendo a equação da continuidade historica pelo sacrificio, pela tolerancia e pelo amor á terra onde todos nascemos.

Nêste momento formidando e augusto, não apelamos só para a geração atual, que assiste a uma violenta e tragica transformação do mundo: apelamos tambem para a sombra dos nossos maiores que beijaram o pó para que nós vivessemos, preparando-nos destinos épicos e gloriosos.

Assim, fortes désta comunhão entre o presente e o passado, sob a inspiração varonil de que o futuro será por nós, porque a raça é imperecivel e a Patria é imortal, o govêrno da Republica tem a honra de saudar o parlamento e todos os portuguêses, sem excepção, heroicamente simbolisados neste momento pelo exercito e pela armada.

A leitura desta declaração, que foi constantemente apoiada de todos os lados da câmara, teve a arremata-la uma estrepitosa salva de palmas entremeiada de vivas á união de todos os republicanos, á Patria e á Republica, manifestação a que se associaram as galerias, cheias de entusiasmo, presas dum grande sentimento patriotico que neste momento solenissimo faz vibrar a alma dum povo cujo destino está em cheque.

PARABENS

Dâmo-los muito sinceros ao nosso bom amigo e correligionario Cipriano Simões Alegre, redactor da *Bairrada Livre*, pela sua nomeação ultimamente feita para chefe da secretaría da câmara municipal de Anadia.

Tão acostumados andâmos a só vêr praticar injustiças, que não podemos deixar de louvar tambem a digna atitude do municipio, escolhendo para seu empregado um cidadão em que concorrem todos os requisitos inerentes ao bom desempenho do cargo que lhe acaba de ser confiado.

O "TUBANTIA,,

Afundou-se, depois de ter sido torpedeado por um submarino alemão, este grande vapor de carreira para a America do Norte, cuja perda é avaliada em milhares de contos.

Felizmente não ha vitimas a lamentar, tão rapidos foram os socorros prestados aos passageiros, não deminuindo, contudo, esse facto nenhuma parcela ao atentado cometido.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Padre Pato

A questão dos fóros da Junta de Aradas e a celebre Sociedade

Por aquela não esperava a *Sociedade Anónima exploradora do padre Pato*, de mostrarmos o proposito da questão do fôro do padre Bartolomeu, que a Junta se limitou apenas a executar, como era seu dever, o que o padre Pato tinha proposto e feito durante uns poucos de anos.

Já é preciso descaramento! Andar o padre uns poucos de anos a propôr execuções judiciais contra os foreiros em divida e porque, depois da Republica, a Junta reclama um fôro nessas condições, *fôro que sempre foi pago*, grita-se abaixo as perseguições e envergonha-se a Junta e os seus membros só por cumprirem restritamente o seu dever!

Quem não sabe o que se passa em Aradas, o que fazem e do que são capazes os da *Sociedade padre Pato*, os odios que alimentam e as patifarias que teem feito, ao lêr coisas daquelas fica em duvida e exclama:—o padre e os seus, na verdade, são uns perseguidos. Mas depois de se lêr o que aqui temos publicado, de se analizarem as questões, vêr os documentos e descobrir a verdade, não, não ha nem póde haver uma só pessoa honesta e estranha á quadrilha, que não reconheça os instintos e as malandrices dos aulicos do padre.

A questão da administração da Junta foi o que se viu.

O padre praticou as maiores irregularidades, como vimos. No tempo da sua administração na Junta ha falsificações, mentiras, desvios de dinheiro, tudo, o que provâmos com documentos, os melhores dos quais ainda reservâmos para melhor oportunidade.

Com os fóros é o que se sabe.

O padre durante a sua estada na Junta de Aradas, processou os foreiros em divida, ameaça-os todos os anos e executa-os. Mas logo que sái da Junta e a Junta faz o mesmo — aquilo que não podia deixar de fazer—a *Sociedade Exploradora* grita contra a Junta que anda a perseguir os amigos do Pato!

Digam as pessoas imparciais se isto é decente e proprio de *gente honrada*, como eles dizem, que é o Pato. Isto é proprio de pulhas e só de pulhas sem o menor escrupulo. Mas a gente do fôro do padre Bartolomeu...

E' edificante e honra a *Sociedade do padre Pato*, que o tem explorado só para prejudicar a Junta e empregado nisso toda a sua influencia.

O velho padre Bartolomeu, o *padre cura*, pagava um fôro á Junta. O padre, como foi tesoureiro da Junta e pela sua propria mão, passou recibos de pagamento do seu fôro!

Depois da Republica, á familia, que tem um padre tambem, o padre Bartolomeu novo, conhecido pelo padre *Choquelhas*, negou-se a pagar o fôro que sempre tinha pago e que a Junta sempre recebeu, dizendo que pagava para á

santa a quem pertencia o fôro e não aos *republicanos!*

Qual era o dever da Junta, quando encontrava nos orçamentos anteriores, feitos pelo Pato, 70$00 de fóros e no inventário deixado pelo Pato o fôro dos *Choquelhas?*

Era fazer o mesmo que o Pato tinha feito nos anos antecedentes e recorrer aos tribunáis.

Foi o que a Junta fez; mas a isto chamou-se *perseguição aos amigos do padre Pato* e a proposito insulta-se desbragadamente quem cumpriu o seu dever!

E isto chama-se a gente sã da freguezia!

* * *

Para compararmos o que vimos expondo, vamos fazer algumas transcrições das alegações e minuta de apelação do sr. dr. André Reis, advogado da Junta, publicados em folheto por aquele distinto cavalheiro, em 1914. Por essas transcrições se poderá avaliar melhor ainda a obra acintosa feita pela *Sociedade Exploradora do Pato*, contra a Junta de Paroquia e a honestidade das intenções e processos de semelhante gente.

DISCURSO

Editado pelo *Gremio José Estevam*, de Lisboa, corre em folheto, de que nos foram enviados uns poucos de exemplares, o discurso proferido na Câmara dos Deputados pelo presidente do ministerio transato, sr. dr. Afonso Costa, em 25 de fevereiro do ano corrente, sobre a aquisição dos navios alemães, edição que tem sido largamente espalhada por todo o país.

Felicitâmos o *Gremio José Estevam* pela sua lembrança.

Feira de Março

Abre ámanhã este mercado anual do campo do Rocio, devendo prolongar-se, como o costume, por espaço de quinze dias.

Para facilitar a concorrencia de forasteiros, a Companhia dos Caminhos de Ferro estabelece um serviço especial de bilhetes de ida e volta em 2.ª e 3.ª classes a preços reduzidos, desde a estação de Coimbra, o que nos leva a crêr que Aveiro abarrotará nesses dias de visitantes, caso o tempo a isso se não oponha.

OUTRA

Apezar do mau tempo, foi bastante concorrida tanto de vendedores como de compradores, a feira que nesta cidade teve logar no dia 19, denominada de S. José, e onde se transacionou largamente nos principais produtos que a ela concorreram: madeiras e utencilios de lavoura.

Necrología

MARNOCO E SOUZA

Finou-se em Coimbra este conhecido lente da Faculdade de Direito da Universidade, a quem, como presidente da câmara, se devem grande parte dos melhoramentos efectuados de ha 16 anos a esta data, todos de grande importancia, pois transformaram, pode-se dizer que por completo, a linda terra dos estudantes e das arrufadas.

O sr. dr. Marnoco e Souza fez parte do ultimo ministerio da monarquia, presidido pelo sr. Teixeira de Souza, mas de tal maneira se aborreceu da politica que nunca mais voltou a ter nela ingerencia, apezar de instado, dedicando-se exclusivamente aos trabalhos scientificos, de que deixa uma vasta obra, principalmente sobre questões de direito.

O enterro do ilustre catedratico foi dos maiores que tem atravessado as ruas de Coimbra, cerrando o comercio as suas portas como manifestação de justo sentimento pela perda do homem que á Universidade e ao concelho tantos serviços prestou.

—Em Bouça Cova, concelho de Pinhel, morreu tambem com 72 anos de edade, o sr. José Simão da Fonseca Leal, pae estremoso dos nossos amigos, srs. dr. Simão José, senador, e Antonio Felizardo, chefe do posto aduaneiro desta cidade.

O extinto era muito estimado na região da Beira, onde gosava de gerais simpatias, motivo por que o seu desaparecimento da vida é assaz sentido.

Aos que o pranteiam, especialisando os seus dois filhos com quem mantemos amistosas relações, envia o *Democrata* a expressão das suas condolencias.

Fabrica da Fonte Nova

Por divergencia entre os seus proprietarios, srs. Manuel Pedro da Conceição e Albino Pinto de Miranda, foi esta encerrada enquanto judicialmente não fôr resolvida a contenda, o que lamentâmos pela situação em que se encontra o operariado que nela trabalhava.

QUANDO ACABARÁ A GUERRA?

—(*)—

Lêmos num diário da capital:

«Circula neste momento uma lenda na cidade de Londres, que não é precisamente o local em que a imaginação, a fantasia ou o sobrenatural se comprazem em residir. E' um dos mais sérios jornais financeiros que se faz éco dessa lenda. No segundo semestre de 1915, certo oficial procurou o seu banqueiro antes de partir para a frente da batalha e ouviu dele estas estranhas palavras:

— O senhor não estará muito tempo ausente e deve voltar dentro em pouco ferido numa das mãos.

Com efeito, decorridas algumas semanas, o oficial recebeu um leve ferimento na mão. Quando estava curado e prestes a regressar á frente, foi de novo despedir-se do seu amigo banqueiro, que lhe disse:

— Desta vez deve estar ausente durante mais tempo e voltará com um grave ferimento numa perna.

Quando o oficial, que efectivamente foi ferido na perna, voltou a Londres, apressou-se a ir visitar o seu perspicaz amigo e perguntou-lhe assim:

— Meus tempo que predisse tão bem os meus ferimentos, não poderia fixar-me a data do fim da guerra?

O banqueiro respondeu:

— A guerra acaba no dia 17 de junho de 1916. Mas não chego lá. Viverei o preciso para festejar o dia de Ano Bom.

O banqueiro profeta morreu no dia 2 de janeiro. O oficial e quantos tiveram conhecimento das profecias aguardam o dia 17 de junho proximo com uma curiosidade e um interesse perfeitamente justificaveis».

Pois tambem nós.

Já agora...

Ultima hora

—(*)—

REUNIÃO

Nos Paços do Concelho teve ontem logar ás 20 horas uma reunião magna de cidadãos com representação na cidade, onde se fizeram as mais rasgadas afirmações patrioticas como inicio dos trabalhos de propaganda que dentro em bréve vão começar pelos concelhos do distrito.

A' sessão presidiu o ilustre comandante de infanteria 24, secretariado pelos srs. tenente Carlos Gomes Teixeira e Bernardo Torres, sendo por fim unanimemente aprovados os seguintes nomes para a grande comissão que hade levar a cabo as conferencias e palestras tão necessarias no atual momento historico: coronel José Cristiano Braziel, dr. André dos Reis, dr. Lourenço Peixinho, Francisco Antonio Meireles, tenente Gaspar Ferreira, dr. Antonio Emilio de Almeida Azevedo, Bernardo de Souza Torres, dr. Marques da Costa, tenente Gomes Teixeira, Albino Pinto de Miranda, tenente-coronel Dias, Domingos Cerqueira e tenente-coronel Abilio Augusto de Almeida.